



Discurso, política e direitos:

*por uma análise de
discurso comprometida*

Viviane de Melo Resende
Carolina Lopes Araújo
Jacqueline Fiuza da S. Regis
(Organizadoras)

EDITORA
UnB 60 



Universidade de Brasília

Reitora : Márcia Abrahão Moura
Vice-Reitor : Enrique Huelva

EDITORA



UnB

Diretora : Germana Henriques Pereira

Conselho editorial : Germana Henriques Pereira (Presidente)
Fernando César Lima Leite
Ana Flávia Magalhães Pinto
César Lignelli
Flávia Millena Biroli Tokarski
Liliane de Almeida Maia
Maria Lidia Bueno Fernandes
Mônica Celeida Rabelo Nogueira
Roberto Brandão Cavalcante
Sely Maria de Souza Costa
Wilsa Maria Ramos

Discurso, política e direitos:

*por uma análise de
discurso comprometida*

Viviane de Melo Resende
Carolina Lopes Araújo
Jacqueline Fiuza da S. Regis
(Organizadoras)

Ilustração de capa

Baseada no trabalho de Mariana Henrique Mariano da Silva para o VII Colóquio e II Instituto da ALED-Brasil

© 2020 Editora Universidade de Brasília
Editora Universidade de Brasília
Centro de Vivência, Bloco A – 2ª etapa,
1º andar – Campus Darcy Ribeiro,
Asa Norte, Brasília/DF – CEP: 70910-900
Telefone: (61) 3035-4200
Site: www.editora.unb.br
E-mail: contatoeditora@unb.br

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta publicação poderá ser armazenada ou reproduzida por qualquer meio sem a autorização por escrito da Editora.

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca Central da Universidade de Brasília
Bibliotecário responsável: Fernando Silva - CRB 1/2001

D611 Discurso, política e direitos : por uma análise de discurso
 comprometida / Viviane de Melo Resende, Carolina Lopes
 Araújo, Jacqueline Fiuza da S. Regis, organizadoras. – Brasília
 : Editora Universidade de Brasília, 2022.
 240 p. ; 23 cm.

ISBN 978-65-5846-138-8.

1. Estudo crítico do discurso. 2. Análise de discurso crítica. 3.
Direitos humanos. 4. Associação Latino-Americana de Estudos
do Discurso. I. Resende, Viviane de Melo (org.). II. Araújo,
Carolina Lopes (org.). III. Regis, Jacqueline Fiuza da S. (org.).

CDU 82.085



Associação Brasileira
das Editoras Universitárias

Sumário

Apresentação: uma análise de discurso comprometida	7
1. Estudo das reações sociodiscursivas verbais em ambientes de interação virtual	17
2. Reflexões sobre a(s) política(s) habitacional(is) na CABA: uma aproximação da análise de discurso crítica	51
3. Reflexões sobre a luta mobilizada do MNPR e sua relação com o Estado brasileiro: uma perspectiva discursivo-crítica localizada ...	85
4. “Eu me sentia um professor”: reexistências decoloniais no âmbito do projeto Mulheres Inspiradoras	115
5. Análise crítica do discurso e teorias jurídicas feministas: um olhar sobre a cidadania das mulheres	147
6. Discurso e direitos: por uma análise crítica do discurso jurídico em decisões judiciais	171
7. Análise do discurso de ódio contra uma blogueira	203
Sobre as organizadoras	235
Sobre as/os autoras/es	237



1

Estudo das reações sociodiscursivas verbais em ambientes de interação virtual

Maria Carmen Aires Gomes

Introdução

Com o advento da internet e seus usos e funcionamentos, novas formas de agir e interagir estão sendo construídas de maneira que as novas necessidades de comunicação sejam atendidas, ou seja, novas maneiras de socialização e interação. Marcuschi e Xavier (2004, p. 13) já nos chamavam a atenção para o fato de que a “internet é uma espécie de protótipo de novas formas de comportamento comunicativo”. Nesse ambiente virtual, novos gêneros emergem como resultantes de práticas sociais pluralistas.

No artigo “Comentários de leitores na internet: um olhar sobre a opinião do internauta”, Bueno *et al.* (2016, p. 88) afirmam que “a tecnologia que deu forma aos comentários na internet surgiu no fim dos anos 1990 por meio da plataforma de *blogs* Open Diary”; tal plataforma tinha um espaço destinado aos comentários. Palácios (2012, p. 137), citado por Bueno *et al.*, chama a atenção para o fato de que esse tipo de prática já acontecia na mídia com as Marginalias, ao dizer que “[c]om

o ciberperiodismo os comentários passam a ser incorporados ao mesmo espaço do texto jornalístico original, de maneira que podemos falar de anotações de margem, no sentido físico do termo”.

Embora a participação, ou mesmo a colaboração, dos leitores e leitoras nas práticas midiáticas já ocorresse por meio de cartas endereçadas à redação, os comentários configuram-se funcionalmente de maneira muito distinta, uma vez que o ambiente virtual tem suas próprias regulações e restrições. Bueno (2015, p. 1) ressalta que, apesar da “inserção no ciberespaço há mais de uma década, o dispositivo continua gerando controvérsia, por ser um recurso ainda subutilizado de maneira sistematizada na agenda dos veículos [...]”, seja por falta de compreensão da utilidade e dos benefícios da colaboração dos internautas na produção e na circulação dos temas desenvolvidos, seja pela falta de polidez dos que comentam. Para Cunha (2015, p. 27), o “comentário eletrônico é uma prática social que faz parte da vida cotidiana de milhares de pessoas. É um novo tipo de diálogo que os jornalistas não conheciam antes da internet [...]”. Dessa forma, lançar o olhar analítico para o espaço virtual que aloca comentários reativos sobre a vida em sociedade se justifica porque poderemos compreender como as pessoas estão pautando as questões políticas, sociais e culturais.

Meu objetivo neste texto é tentar organizar e articular teórico-metodologicamente, de maneira transdisciplinar, conceitos e fundamentos de campos de conhecimentos distintos para propor uma categoria analítica denominada de reação sociodiscursiva verbal, para análise de comentários reativos produzidos sociodiscursiva e politicamente por leitores/as em ambientes de interação virtual. Dessa forma, pretendo propor, a princípio, uma categoria analítica descritiva capaz de identificar tipos de comentários reativos produzidos por leitores/as no ambiente de interação virtual. Tais comentários são produzidos em espaços específicos, controlados e

1. Estudo das reações sociodiscursivas verbais em ambientes de interação virtual

regulados. A proposta é explorar a cultura digital por meio da ferramenta comunicacional, da maneira como Recuero (2014b) a define: ferramenta *comentar*. Cunha (2015, p. 28) já caracteriza o comentário, no espaço digital, como “uma prática discursiva que tem seu propósito e suas regras: a partir de um texto fonte, o leitor constrói novos discursos”, seja reacentuando, seja deslocando os aspectos temáticos.

Nas próximas seções apresentarei as influências epistemológicas que me levaram a propor a categoria analítica reações sociodiscursivas verbais em uma abordagem discursivo-crítica, à luz de uma proposta transdisciplinar integrativa que busca articular os estudos advindos da *Conversa mediada pelo computador, do espaço comentário* (RECUERO, 2014a; 2014b) além das premissas e das fundamentações do *sistema de avaliatividade*, da forma como propõem Jim Martin e David Rose (2009), Jim Martin e Peter White (2005) e Peter White (2004), e ampliado para os estudos sobre conversação casual conforme propõem Eggins e Slade (1997). É importante ressaltar que tanto a abordagem discursivo-crítica de Norman Fairclough (2001; 2003), Chouliaraki e Fairclough (1999), Fairclough e Fairclough (2012) quanto as obras de Martin, Rose, White, Eggins e Slade que acabo de citar retomam os princípios sistêmicos-funcionais acerca da relação entre língua e contexto (HALLIDAY, 1994). Para uma discussão discursiva acerca das relações entre normas e valores, à luz de um debate sobre a ética das virtudes discursivas, será incorporada a proposta de Marie-Anne Paveau (2015).

Conversa mediada pelo computador: comentários de leitores/as em ambientes de interação virtual

Partirei inicialmente das pesquisas sobre conversas mediadas por computador da forma como a pesquisadora brasileira Raquel Recuero

(2014a; 2014b) tem entendido a conversa em rede. Segundo Recuero (2014a, p. 16), esse tipo de conversa “está mudando profundamente as formas de organização, identidade, conversação e mobilização social”, uma vez que permite às pessoas se posicionarem acerca de qualquer tipo de assunto perante um número amplo de pessoas, seja de maneira anônima ou explícita. Thompson (1998, p. 29), discutindo sobre o desenvolvimento dos ciberespaços, afirma que tais espaços “tornam as pessoas capazes de agir e interagir a distância; podem intervir e influenciar no curso dos acontecimentos mais distantes no espaço e no tempo”, experimentando novas formas de agir e interagir sociotemporalmente, constituindo novas relações sociais e performatizando identidades.

O espaço público digital construído por novas formas de agir e interagir mediadas pelo computador gera nas pessoas uma presunção de anonimato, pois o corpo-sujeito ali não está inscrito fisicamente, como se apresenta em uma relação face a face, o que proporciona a produção de perfil *fake*. Recuero (2014a, p. 115) afirma que nessas interações os discursos são coproduzidos e que “a conversação mediada pelo computador é, assim, uma apropriação, ou seja, uma adaptação de meios que originalmente são textuais e não propícios às interações orais para um fim, que é aquele da conversação”. Uma das características que diferencia a conversação mediada por computador da conversação oral, face a face, é a possibilidade de replicar o que foi dito sem que estejamos presentes, ou seja, “são reproduzidas facilmente por outros atores, espalham-se nas redes entre os diversos grupos, migram e tornam-se conversações cada vez mais públicas, moldam e expressam opiniões, geram debates e amplificam ideias” (RECUERO, 2014a, p. 120).

Marie-Anne Paveau (2015, p. 320), discutindo sobre o papel dos dispositivos tecnodiscursivos na produção de discursos virtuosos, chama

a atenção para a “ilusão da proteção contra a reação direta de ‘carne e osso’, a ausência física do outro, cuja presença produz efeitos de controle de expressão verbal, e a rapidez de escrita e envio de mensagens criam a ilusão de monologismo [...]”. Recuero e Soares (2013, p. 243), analisando violência, humor e estigma em comentários de Facebook, afirmam que “[e]studar o discurso *on-line* é estudar a linguagem em uso e a construção de sentidos em ambientes diferentes, mediados e apropriados. E essas apropriações também podem gerar comportamentos diferentes, inclusive violentos e hostis, como a reprodução de formas de agressividade *on-line*”. Essa definição de discurso como forma de ação e prática social alinha-se aos estudos de Fairclough (2001, p. 2003).

A interação, segundo Recuero (2014), pode ocorrer então por meio de algumas ações, quais sejam: *curtir*, *compartilhar* e *comentar*. Interessa-me, neste estudo, a ação e interação gerada por meio de comentários, já que proporciona “uma ação que não apenas sinaliza a participação, mas traz uma efetiva contribuição para a conversação” (RECUERO, 2014a, p. 120), mostrando “também as relações que ali emergem e as práticas sociais e linguísticas que ali tomam forma”. É possível analisar as sociointerações construídas no espaço digital e perceber a forma como as pessoas estão produtivamente potencializando sentidos, ideologias e representações de suas experiências sobre o mundo que as cerca por meio do espaço digital.

Paveau (2015, p. 321), ao problematizar a questão da violência verbal nos dispositivos tecnodiscursivos, afirma que “é quase regra a transgressão das normas dos *sites* e das *néticas*, com o uso da violência verbal, a confrontação, a polêmica, o insulto ou qualquer forma discursiva interpretável como não virtuosa”. É essa prática de comentar, de reagir não só aos temas desenvolvidos nos *sites* ou portais, mas também aos comentários produzidos por outras pessoas, que me interessa nesta proposta.

Assim como Recuero e Paveau, Stranderbeg e Berg (2013) reconhecem as possibilidades interativas que a internet trouxe à esfera pública, ou seja, de que seus cidadãos pudessem criativamente se expressar sobre os mais diversos assuntos. Ao fazer isso, ofereceu-lhes, portanto, variadas ferramentas operacionais para tal manifestação, que “incluem, atualmente, a escrita de comentários em fóruns de discussão *on-line*, *blogging*, comentários em notícias, partilha de conteúdos, envio de *tweets* e a criação ou adesão a um grupo no Facebook” (p. 112).

Strandberg e Berg (2013, p. 112), analisando comentários de leitores em jornais *on-line* à luz de uma discussão sobre o espaço digital como local de deliberação democrática, afirmam que “os comentários dos leitores nos artigos de jornais *on-line* representam um fórum de discussão relativamente novo entre os cidadãos, e possuem (pelo menos, teoricamente) as características necessárias para funcionarem como locais de conversas democráticas”. Nessa mesma linha, Domingo (2008, p. 694) define os comentários dos leitores como “microfóruns anexos às notícias”, uma vez que promovem uma discussão pública, aberta e independente, diferente dos fóruns fechados e dos *chats*.

A reflexão acerca do espaço digital como potencial deliberativo na esfera pública, principalmente nos locais destinados aos comentários de leitores/as, tem sido alvo de muitas pesquisas que tratam das relações entre participação política, construções discursivo-democráticas e do papel participativo do/a cidadã/o (DAHLBERG, 2001; WRIGHT; STREET, 2007; DOMINGO, 2008; TADEU, 2012). Tadeu (2012, p. 32), analisando a participação política e os comentários de leitores/as no jornalismo *on-line* português, afirma que “a instantaneidade é, além de característica essencial do jornalismo na internet, um traço típico dos comentários dos leitores. [...] é possível comentar as notícias, é possível fazê-lo livremente e,

quando se clica em “publicar”, o comentário é publicado. Imediatamente”. Essa instantaneidade permite ainda que os potenciais sentidos sobre as questões e os fatos sejam construídos de maneira negociada ou assimétrica.

Em termos de configuração espacial, a maioria dos *sites* que alocam os jornais *on-line* traz, após o texto informativo, o espaço destinado aos comentários de leitores/as. Cada *site*, de cada veículo brasileiro, por exemplo, segue um tipo de *layout* com características gerais (título, subtítulo, texto, espaço comentário), mas se diferenciam não só em relação à forma pela qual os comentários poderão ser compartilhados nas redes sociais (Facebook, Twitter, ou mesmo no Google+), mas também quanto à política de uso: quem poderá comentar naquele *site* ou veículo. Em alguns veículos jornalísticos, o espaço de comentários é livre, acessível a todos/as, mas, para outros, o/a leitor/a deverá ser assinante (*Folha de S. Paulo*) ou terá de se cadastrar para executar a ação (*Estado de Minas*, por exemplo).

Na maioria dos *sites* aparece um tipo de barra de ferramentas com os *links* “imprimir”, “enviar”, “compartilhar” (ao lado dos ícones-*links* do Facebook, do Twitter, do Google+), “Letra A- / A+”. Paiva (2016), pesquisando comparativamente a interatividade no jornalismo *on-line* nos jornais *Folha de S. Paulo* (Brasil) e *Público* (Portugal), observa que “a funcionalidade para atrair os leitores ao media pelas redes sociais (Facebook, Twitter, G+, YouTube) tem sido cada vez mais utilizada pelos/as leitores/as e pela redação, em especial, graças ao grande poder de partilha e de difusão das informações”. A pesquisadora afirma ainda que “o ato de convidar o leitor para interagir nas redes sociais é hoje uma ferramenta bastante divulgada na interface do jornal e tem sido eficaz para a partilha das notícias entre leitores em rede” (PAIVA, 2016, p. 7). Ainda que os jornais abram esse espaço para os/as leitores/as, o debate entre jornalistas, editores/as e eles/elas não ocorre: “os leitores usam o

espaço de interação para falarem entre si, sobre o tema da notícia ou outros, sem necessariamente interagirem com a redação ou com os jornalistas, fontes ou colaboradores”, chama a atenção Paiva (2016, p. 8). Embora não exista essa interação, editores/as têm modificado textos e títulos em função de comentários, denunciando usos lexicais inadequados, temas pouco desenvolvidos e textos com baixa quantidade e qualidade informativa. Trata-se, portanto, de mais uma forma de usar a linguagem na contemporaneidade, de uma possibilidade de intervenção efetiva dos/as cidadãos/ãs na esfera pública, e a compreensão de que agir junto pressupõe falar junto, mas não de maneira consensual (CHOULIARAKI; FAIRCLOUGH, 1999).

Quanto à postagem dos comentários pelos/as leitores/as, é interessante notar que há controle acerca daquilo que é dito, embora os *sites* chamem a atenção para o fato de que os comentários ali produzidos são de responsabilidade exclusiva de seus autores/as, não representando, portanto, a opinião do jornal. As mensagens estão sujeitas à moderação, inclusive há um *link* “denuncie” para que outros/as leitores/as façam a denúncia, como se pode observar em alguns *sites* de referência no Brasil:

- “Os comentários são de responsabilidade exclusiva de seus autores e não representam a opinião do *site*. Se achar algo que viole os termos de uso, denuncie. Leia as perguntas mais frequentes para saber o que é impróprio e ilegal” (*site G1*).
- “Os comentários não representam a opinião do jornal e são de responsabilidade do autor. As mensagens estão sujeitas à moderação prévia antes da publicação” (*site Folha de S. Paulo*).
- Em alguns veículos os comentários são aprovados um a um pelos/as redatores/as e editores/as, que fiscalizam se há palavras

de baixo calão ou se as mensagens estão alinhadas às temáticas desenvolvidas nos textos (*Tempo* e *Super Notícia*, por exemplo). Em outros veículos, a aprovação dos comentários está vinculada à área de “comentários”, associada ao Facebook (*Hoje em dia* e *Popular*, por exemplo).

Noci *et al.* (2010, p. 1, *apud* Tadeu, 2012, p. 32) afirmam que o espaço destinado aos comentários representa para os/as cidadãos/ãs “uma maneira simples de reagir aos eventos da actualidade e discuti-los logo depois de ler sobre eles”. Paiva (2016), problematizando a forma como os/as leitores/as participam de maneira reativa nas interações mediadas nos espaços *on-line* dos comentários, observa que:

Nessa interação reativa, o leitor reage à notícia que já existe, ou seja, reflete ao que já de certo modo está refletido, dentro da própria construção do ângulo da notícia. Ele participa, numa forma de reação ao tema da notícia, à construção da notícia e aos comentários de outros leitores. Aqui, o leitor é também um reagente dentro da sua ação como leitor participativo, acaba por projetar em sua ação apenas o que já está proposto (PAIVA, 2016, p. 9-10).

Tomando, então, o espaço de comentários como um *locus* de ação e interação em que leitores/as reagem aos temas, assuntos e fatos noticiados pelos textos jornalísticos, por exemplo, emitindo suas opiniões, julgamentos, fazendo circular e difundir a notícia, proponho que, discursivamente, a construção textual reativa, ali abrigada, seja denominada analiticamente de *reação sociodiscursiva verbal*, pois permitirá “mapear conexões entre o discursivo e o não discursivo, tendo em vista seus efeitos sociais” (RAMALHO; RESENDE, 2011, p. 112-113).

Espaço comentários de leitores/as em jornais *on-line* como suporte de reações sociodiscursivas

Os comentários reativos produzidos pelos/as leitores/as, em espaço determinado, referentes às notícias ou aos *posts* veiculados em ambiente de interação virtual serão considerados *reações sociodiscursivas verbais*. A ideia de usar o vocábulo “reações discursivas” como categoria analítica foi proposta inicialmente por Nogueira e Arão (2015) no estudo sobre o Facebook como espaço de legitimação virtual: uma análise de *posts* e reações discursivas em páginas de ONGs ambientais para se referir à maneira pela qual os/as internautas reagem discursivamente aos conteúdos produzidos nos *posts*, tomando por base os conceitos e os preceitos da abordagem discursiva de linha francesa.

Minha proposta é repensar o conceito supracitado à luz das premissas e dos fundamentos desenvolvidos pela Análise Discursiva Textualmente Orientada (ADTO) da maneira como propõem Chouliaraki e Fairclough (1999) e Fairclough (2003). Retomando o conceito de prática social desenvolvido por David Harvey (1989) – para quem práticas sociais se constituem de relações sociais, poder, práticas materiais, crenças, desejos e valores –, Chouliaraki e Fairclough (1999) propõem que as práticas sociais seriam constituídas de momentos que se articulam ininterruptamente, quais sejam: *relações sociais, fenômeno mental, mundo material e discurso*.

As reações dos/as internautas são, então, compreendidas não só como discursivas, mas também como não discursivas, posto que os comentários reativos também podem ser formas habituais de agir e interagir sociodiscursivamente em locais e tempos específicos, envolvendo atividades materiais e fenômenos mentais que se relacionam

dialeticamente em um sistema de rede de práticas sociais, permitindo então que as questões sociais possam ser problematizadas discursivamente.

Por essa vinculação epistemológica amplio o conceito de Nogueira e Arão (2015) para *reações sociodiscursivas verbais*. Considerando que, à luz da Análise Discursiva Textualmente Orientada, quando representamos aspectos do mundo, ou seja, dos saberes, do conhecimento e das experiências, estamos falando dos significados representacionais, cujos elementos da ordem do discurso são os discursos, ao passo que quando avaliamos/julgamos/apreciamos ou identificamos o/a outro/a e a nós mesmos/as estamos falando de significado identificacional, cuja categoria discursiva é o estilo, podemos assumir que as reações sejam um tipo de categoria analítica que atravessaria tanto as maneiras de representar quanto as de identificar a si e aos/às outros/as, já que, ao assumir uma postura reativa frente aos assuntos e à opinião, à conduta e ao comportamento de participantes na interação seja com o texto, seja com outra pessoa, o/a leitor/a reativo/a estará disputando, além de relações de poder e controle, também relações éticas e morais.

Para Fairclough (2003, p. 124), discursos são “formas de representar os aspectos do mundo – processos, relações e estruturas do mundo material, o mundo mental de pensamentos, sentimentos, crenças e assim por diante, o mundo social”. Alinhando-se ao que afirma Theo Van Leeuwen (2005, p. 104): “discursos não são somente sobre o que fazemos, mas sempre sobre o motivo pelo qual estamos fazendo isso”. Por isso, discursos produzem certas universalidades, regulações, mas também geram certas causalidades, já que são construções de realidades atravessadas por atitudes, ideias, exercícios e relações de poder que causam seletividades, condensações e simplificações acerca dos objetos discursivos (FAIRCLOUGH, 2003; VAN LEEUWEN, 2005).

Estou propondo que o espaço de comentários, em termos espaciais, é um tipo de suporte virtual que abriga/aloca as reações sociodiscursivas verbais, atravessadas por relações de poder e controle, materializadas em textos. Tal espaço permite compreender que a vida social é mediada textualmente, e que, por esse motivo, é passível de controle, regulação, mas também de criatividade e reflexividade. Resgatando as problematizações ensejadas por Chouliaraki e Fairclough (1999, p. 144) acerca da faceta regulatória dos gêneros discursivos e dos discursos, é possível assumir que esse espaço age como um tipo de “mecanismo articulatório que controla o que pode ser usado e em que ordem, incluindo configuração e ordenação de discursos”. Trata-se de um *locus* que permite uma acentuada capacidade de ação e interação a distância de maneira regulada (FAIRCLOUGH, 2003).

Reações sociodiscursivas verbais: uma proposta de categoria analítica discursiva

Reações sociodiscursivas verbais dos/as leitores/as, então, são as formas pelas quais as pessoas agem e interagem discursivamente em direção: *a um fenômeno, a um/a participante (quem), a um tema e/ou assunto noticiado*. São construções sociodiscursivas reativas cujos ângulos e perspectivas discursivo-ideológicas são direcionados à fala de alguém, ou ao assunto do texto postado ou a temas marginais e tangenciais. As reações sociodiscursivas verbais podem ocorrer de três formas:

- *reações transacionais* – interactantes e reatores/as comentam entre si assuntos e temas que podem ou não estar vinculados aos textos, estabelecendo a troca sociointerativa;

1. Estudo das reações sociodiscursivas verbais em ambientes de interação virtual

- *reações não transacionais* – interactante comenta (reage aos) assuntos noticiados nos textos jornalísticos, mas sem a troca sociointerativa;
- *reações transacionais atitudinais* – interactantes e reactantes reagem às trocas usando citações e falas não só do texto jornalístico, como as de outros/as participantes, de maneira atitudinal.

Esse espaço de interação digital envolve, então, participantes com características reativas, já que apresentam ações decorrentes de desdobramentos de falas ou de eventos anteriores. Essas reações podem ser tanto direcionadas aos comentários de outros participantes, que são observados, julgados e postos em cenas de interpelação discursiva, quanto podem ser direcionadas aos tópicos (ou mesmo tópicos e temas marginais ao assunto principal), aos fatos ou aos testemunhos usados e representados discursivamente nos textos.

Apresento a seguir um recorte do estudo realizado por Mucci (2018), aplicando a proposta analítica no texto “Imigrante do Mali que salvou criança em Paris vai ser naturalizado francês”, publicado no jornal *Estadão Internacional* em 28 de maio de 2018:

- Interact1: *Um grande herói, merecedor do reconhecimento público pelo ato de bravura e abnegação* (REAÇÃO NÃO TRANSACIONAL);
- Interact2: *A França mostrando aos terroristas como obterem nacionalidade mais rapidamente* (REAÇÃO NÃO TRANSACIONAL);
- Reac1: *Quanta amargura, interact2* (REAÇÃO TRANSACIONAL ATITUDINAL);

- Reac2: *Interact2. como tu é besta!* (REAÇÃO TRANSACIONAL ATITUDINAL);
- Reac3: *Mostrou ter valores, entre estes coragem!* (REAÇÃO NÃO TRANSACIONAL);
- Reac1: *tem muçulmanos bom também! Não julgue para não ser julgado!* (REAÇÃO TRANSACIONAL ATITUDINAL – INTERACT2).

Tanto Interact1 quanto Interact2 reagem ao assunto desenvolvido no texto jornalístico: enquanto um foca no ato heroico do sujeito, o outro julga a ação do governo francês. A partir de seus comentários reativos, a interação vai se construindo, de maneira transacional, entre Interact e Reac por meio de julgamentos, apreciações e avaliações ora sobre o assunto noticiado, ora sobre o comentário dos participantes. É possível que em algumas trocas sejam construídas *reações transacionais bidirecionais*, ou seja, dois participantes interpelam-se em uma seqüência sociointerativa excluindo os outros.

Ao descrever esses três tipos de reações sociodiscursivas verbais foi possível perceber a recorrência de comentários reativos atitudinais, o que me levou a pensar em um conjunto de categorias que expressassem a forma como as pessoas representam o que sentem, como apreciam as coisas, quais julgamentos produzem, quais valores dão aos fatos, aos acontecimentos e às opiniões dos outros.

Para tanto, resgatei os fundamentos e as categorias do sistema de avaliatividade proposto, no âmbito da Linguística Sistêmico-Funcional, por White (2004), Martin e White (2005), Martin e Rose (2009) e Eggins e Slade (1997) sobre codificações de atitude para análise de conversações casuais, a fim de configurar os tipos de reações sociodiscursivas

verbais construídas no espaço destinado aos comentários de leitores/as em ambientes virtuais.

O sistema de avaliatividade, ou linguagem da valoração (WHITE, 2004; MARTIN; WHITE, 2005), busca descrever e explicar a forma como a língua é usada para avaliar, julgar, opinar afetivamente sobre comportamentos, atitudes, identidades e gêneros sociais, além de apreciar coisas e objetos, engajando discussões, debates e polêmicas. Esse sistema trata dos significados interpessoais, por isso relaciona-se às negociações de atitudes, às marcas e aos traços de avaliação que podem ser intensos, atenuados e até ampliados (MARTIN; ROSE, 2009). O sistema é, portanto, multidimensional e apresenta as seguintes dimensões:

1. comprometimento: monoglossia e heteroglossia (projeção, modalidade e concessão);
2. atitude: afeto, julgamento e apreciação;
3. gradação: força (intensificação e atenuação) e foco (acentuação e suavização).

O modelo de avaliação proposto por Peter White (2004) trata da avaliação e das perspectivas em discursos materializados em textos. Essa abordagem nos interessa porque foca

[...] nas funções sociais desses recursos, não simplesmente como formas através das quais falantes/escritores individuais expressam seus sentimentos, posições, mas como meios que permitem que os indivíduos adotem posições de valor determinadas socialmente, e assim se filiem, ou se distanciem, das comunidades de interesse associadas ao contexto comunicacional em questão (WHITE, 2004, p. 177).

Os significados atitudinais, segundo White, podem ser agrupados em três campos semânticos: *i)* no *afeto*, associado à emoção, os textos indicam posições negativas e positivas acerca de algo; *ii)* no *juízo*, vinculado à aceitabilidade social de um dado comportamento, os textos apontam para sentimentos ligados ao sistema de norma e padrão moral e social; *iii)* na *apreciação*, são avaliados em termos de qualidades estéticas. Essas ativações atitudinais e avaliativas podem se realizar de maneira direta ou indireta – implicadas e/ou pressupostas nos textos.

Para White (2004, p. 183), os sentimentos são construídos de diferentes formas: “no afeto, a ação da emoção é indicada de forma direta – os sentimentos são apresentados como reações incidentais e personalizadas de sujeitos humanos a algum estímulo”. Juízo e apreciação são “de alguma forma institucionalizados e reapresentados como qualidades inerentes ao fenômeno avaliado em si” (p. 183). As construções de juízo dizem (ou prescrevem) sobre a forma “correta” de se comportar na sociedade. Na discussão que enseja sobre a violência ética, Butler afirma que “[t]ambém nos esquecemos de que julgar o outro é um modo de interpelação: até mesmo as punições são declaradas, muitas vezes, transmitidas, diante do outro, exigindo sua presença física” (BUTLER, 2015, p. 65).

É importante pensar que para se analisar o significado atitudinal é preciso observar as coocorrências lexicogramaticais, a forma como estão contextualizadas, o tipo de elementos usados, tais como: atributos, epítetos, processos, circunstâncias, nominalizações (HALLIDAY, 1994). Eggins e Slade (1997), no âmbito dos estudos sistêmico-funcionais, propõem um tipo de análise da avaliação, examinando os significados atitudinais das palavras usadas na conversação casual. A proposta das pesquisadoras refuta principalmente os estudos avaliativos que “não se concentram no lexismo interpessoal”, mas que se relacionam à microanálise da estrutura gramati-

cal, deixando à margem uma análise baseada na teoria da estrutura do discurso (EGGINS; SLADE, 1997, p. 124). Para Eggin e Slade (1997, p. 59), “as pessoas interagem com suas próprias histórias discursivas, determinadas por sua história social e posição social”, por isso “a interação com outros sujeitos, que não compartilham necessariamente os mesmos discursos, cria dificuldades que precisam ser resolvidas”, porque a linguagem não é acidental, mas está inscrita nas relações de poder produzidas e negociadas no interior das práticas sociodiscursivas. As pesquisadoras desenvolvem e ampliam as considerações de Martin (1994), reorganizando as categorias (julgamento, apreciação e afeto) em quatro dimensões avaliativas, conforme apresentadas a seguir.

As *apreciações* referem-se às reações dos falantes sobre a avaliação da realidade, ou seja, buscam responder acerca *do que estou pensando sobre isso*. Tendem a ser expressas pelos processos mentais (penso, conheço, entendo, sei, acredito), mas também pelos adjetivos (codificando avaliações descritivas de coisas) ou de maneira incongruente por meio de nominalizações ou de epítetos descritivos transformados em objetos ou coisas, aumentando a densidade lexical do texto, além dos advérbios atitudinais, verbos e grupos verbais. Nas apreciações, as pesquisadoras propõem três subcategorias: *i)* reações lexicais relacionam-se à aparência; *ii)* composição relaciona-se à textura dos textos ou a processos; e *iii)* valorização relaciona-se às avaliações de conteúdo ou de mensagem.

Os *afetos* referem-se aos estados emocionais dos falantes em termos positivos e negativos: sentimentos e emoções. Realizam-se por meio de processos mentais de afeição.

Os *julgamentos* expressam as noções sobre ética, moralidade e valores sociais, ou seja, avaliam-se os comportamentos verbais, mentais e físicos dos outros em relação à conformidade das normas ou à

transgressão delas. São de dois tipos: *i*) sanção social – regulação moral, se o comportamento é ético ou verdadeiro; *ii*) estima social – se os comportamentos atendem ou não aos padrões socialmente desejáveis.

A *amplificação*, para as pesquisadoras, é a maneira pela qual os falantes ampliam ou minimizam a intensidade e o grau da realidade do que estão negociando. São três as subcategorias: enriquecimento (focaliza um processo ou significado), aumento (intensifica ou quantifica o assunto, a pessoa ou a coisa) e mitigação.

Segundo Eggins e Slade (1997), os significados lexicais são potencialmente mais abertos e, por isso, estão mais sujeitos à negociação e à mudança, pois os sentidos dependem não apenas do contexto (e de suas relações com outros elementos), mas da posição dos sujeitos, dos valores e das crenças. Considerando o sistema de avaliatividade desenvolvido por White (2004), Martin e White (2005), Martin e Rose (2009), os estudos de Eggins e Slade (1997) e a categoria aqui proposta – reação sociodiscursiva verbal –, proponho inicialmente seis tipos de reações para a análise dos comentários produzidos por leitores das práticas sociomidiáticas *on-line*, são elas:

- a) reações sociodiscursivas verbais engajadas (refuta, contrapõe, concorda, endossa);
- b) reações sociodiscursivas verbais de condenação (julga moralmente comportamentos e condutas);
- c) reações sociodiscursivas de admiração (julga positivamente as condutas sociais);
- d) reações sociodiscursivas de crítica (julga negativamente as condutas sociais);

- e) reações sociodiscursivas de aprovação (elogia comportamentos e condutas morais);
- f) reações sociodiscursivas de apreciação (avalia qualidades estéticas).

As reações estão sendo desenvolvidas, nesta proposta, como um tipo de categoria analítica que permitirá observar e explorar as maneiras particulares de representar e de identificar(-se), materializadas em textos, em práticas midiáticas, por meio de comunicação mediada por computador.

As reações sociodiscursivas verbais engajadas caracterizam-se pelo nível de comprometimento com o que está sendo dito. Em termos linguístico-textuais, realizam-se por meio de modalidades, polaridades (não/sim), concessões, relações lógico-semânticas de extensão ou realce, circunstância de ângulo (HALLIDAY, 1994; HALLIDAY; MATHIESSEN, 2004).

As reações sociodiscursivas verbais de condenação estão vinculadas às manifestações negativas que implicam certo tipo de ilegalidade, disfuncionalidade, culpa, imoralidade, ou seja, relacionam-se de maneira negativa aos julgamentos morais que se associam de alguma forma às instituições legais, refletindo padrões culturais e ideológicos, além das experiências individuais, ou seja, relacionam-se com a forma pela qual se conceitualiza o mundo. Problematizando a condenação no âmbito dos estudos de gêneros e da crítica à violência ética, Butler (2015, p. 65) afirma que “a condenação torna-se o modo pelo qual estabelecemos o outro como irreconhecível ou rejeitamos algum aspecto de nós mesmos que depositamos no outro, que depois condenamos”. A condenação tende a fazer justamente isso – expurgar e exteriorizar nossa suposta neutralidade e imparcialidade.

As reações sociodiscursivas verbais de admiração vinculam-se também às manifestações que julgam positivamente as condutas sociais de consideração, respeito e estima realizadas por meio de atributos, advérbios de comentário e epítetos positivos.

As reações sociodiscursivas verbais de crítica, assim como as reações de admiração, vinculam-se aos comportamentos de estima social. No entanto, as de crítica julgam negativamente a forma como os indivíduos avaliam os comportamentos, as atitudes, a capacidade e a tenacidade. São manifestações que criticam comportamentos não usuais, incapazes e não confiáveis. Realizam-se também por meio de atributos, formas adverbiais, modalidades e epítetos.

As reações sociodiscursivas verbais de elogio relacionam-se de maneira positiva às manifestações elogiosas quanto aos comportamentos éticos, morais e honestos. Associam-se, assim como as reações de condenação, aos valores morais, aos padrões socioculturais e ideológicos produzidos, principalmente, pelas instituições sociais.

As reações sociodiscursivas verbais de apreciação são manifestações afetivas relativas à estética, ao valor das coisas, dos objetos, aos processos e ao estado de coisas, ou seja, referem-se à aparência, à construção espacial, ao tipo de apresentação, mas também ao impacto, à reação das pessoas às questões estéticas de objetos e identidades, ou seja, avaliam-se e apreciam-se discursivamente as propriedades.

Embora tenham sido propostos seis tipos de reações, isso não implica que eles não possam se realizar em um mesmo enunciado. Trata-se tão somente de uma categorização analítica descritiva, a princípio, para se identificar como leitores/as reagem discursivamente em redes de práticas sociais, produzindo “mundos ordenados ou explicáveis” (FAIRCLOUGH, 2001, p. 100), por meio de julgamentos, apreciações e afetos sobre pessoas, eventos e objetos.

1. Estudo das reações sociodiscursivas verbais em ambientes de interação virtual

Essa proposta busca seguir a tradição analítica dos estudos discursivos de focar inicialmente na análise linguístico-textual. Como tentei mostrar, as categorias são identificadas e descritas por meio não só da realização da lexicogramática, mas também da produção de sentidos, muitas vezes potencializada de forma heterogênea em função da organização linguística, das escolhas e da forma como os elementos estão posicionados no texto. A maneira como sentimos, avaliamos e julgamos é deixada, nos textos que produzimos, por meio de traços, na forma como coocorrem e como se organizam. No entanto, essa descrição analítica não se sustenta por si só. O objetivo não é apenas identificar o tipo de reação que está sendo produzido, mas como as pessoas estão produzindo, iterando e/ou transformando o mundo em que vivem, ou seja, como estão avaliando seus conhecimentos e os dos outros, julgando temas e pessoas, e como estão exercitando as relações de poder.

Como essa proposta de categoria está vinculada à uma ontologia de pesquisa crítico-realista, ou seja, insere-se em um paradigma interpretativo-crítico, tem como objetivo, então, analisar construções discursivas que se direcionam “a sentidos que possam atuar a serviço de projetos particulares de dominação, exploração, seja contribuindo para modificar ou sustentar, assimetricamente, identidades, conhecimentos, crenças, atitudes, valores” (RAMALHO; RESENDE, 2011, p. 75).

Nesta parte final da seção trarei dois estudos que aplicaram a categoria analítica reações sociodiscursivas verbais.

Gênero, cárcere e violência: analisando as reações sociodiscursivas na mídia em torno dos corpos-identidades transexuais e travestis

Neste estudo, Ribeiro (2018) busca analisar as reações dos/as leitores/as de um jornal *on-line* no espaço dos comentários. Para isso, seleciona

uma notícia do ano de 2017 intitulada “Juíza proíbe corte de cabelo de travestis e transexuais no DF”. Segundo essa magistrada, o cabelo é uma forma de empoderamento e é parte fundamental da identidade dessas detentas. É acerca desse posicionamento que as reações (GOMES, 2017) foram produzidas, delineando engajamentos, críticas, condenações e, com menor frequência, foi possível localizar discursos que aprovavam a decisão da juíza.

Segundo Ribeiro (2018), o ponto de partida de sua análise foi a decisão da juíza do DF que proibiu o corte de cabelos de mulheres trans e travestis quando ingressam no sistema penitenciário. A seguir, um recorte da amostra analisada:

ReacM18: O juíza doida... Agora vai servir para todos
!!!!Qro ver qdo tiver surto de piolho se vai ter alguém que
não vá cortar o louroskkkkkkk

ReacF1: esqueci de escrever... vai ser e festa dos piolhos
daqui para frente

ReacM2: daqui uns dias e “JUSTIÇA” vai conceder o
“benefício” para trabalharem a noite na prostituição e voltar
no outro dia (RIBEIRO, 2018, p. 9).

A seguir, a análise empreendida por Ribeiro (2018):

Há entre ReacM1 e ReacF1 uma Reação Atitudinal tendo em vista a propriedade interdiscursiva das reações que é marcada, principalmente, pela recorrência do termo “piolho”. No discurso produzido por ReacM1, apesar de haver uma crítica à Juíza, constituída pelo emprego do epíteto “doida”, tal internauta reage discursivamente por meio da condenação, ou seja, julga moralmente a decisão da

juíza e ainda apresenta uma leitura equivocada da notícia quando afirma “agora vai servir para todos!!!”. Isso porque a decisão da juíza corresponde apenas à proibição do corte de cabelo para trans. Além disso, ReacM1 faz uma presunção valorativa em tom de deboche (marcado por “kkkk”) no último sintagma do seu comentário “Qro ver qdo tiver surto de piolho...”. Com a mesma essência de condenação, ReacF1 retoma a pressuposição do comentário anterior indicando e reforçando que depois da decisão da magistrada “vai ser e festa dos piolhos” (RIBEIRO, 2018, p. 9).

No caso anterior foi possível observar dois tipos de reações: a de crítica e a de condenação. Como foi dito, não me interessa apenas a identificação do tipo de reação, mas a identificação das escolhas lexicogramaticais e textuais usadas pelos agentes para tecerem suas avaliações nos seus projetos particulares discursivo-ideológicos. Como afirma Paveau (2015, p. 205), “o saber já não está desconectado das atitudes, dos valores e dos comportamentos, mas, ao contrário, está estreitamente associado a estes”, ou seja, os campos epistêmico e ético não estão desvinculados; todo saber está não só impregnado de valores, atitudes, mas também atravessado por exercícios de poder. Para Paveau (2015, p. 216), a *virtude discursiva* manifesta-se em acontecimentos discursivos morais, ou seja, em “um conjunto de comentários de ordem moral em torno de um discurso proferido”. Seguindo seu raciocínio, “a ordem moral incorpora ao mesmo tempo o epistêmico, o axiológico, o emocional e o perceptivo” (PAVEAU, 2015, p. 217). No entanto, essa virtude discursiva é também tanto uma *disposição reflexiva* (atitude reflexivo-crítica dos agentes) quanto uma *plasticidade axiológica* (negocia-se o valor dos valores e joga-se com eles).

Outro ponto destacado por Ribeiro (2018), em sua análise, ressalta estes pontos discutidos por Paveau (2015):

Ao utilizar “JUSTIÇA” em caixa alta e entre aspas, ReacM2 banaliza a justiça brasileira a partir da decisão dessa juíza e apresenta, ainda, uma outra presunção valorativa: “... ‘JUSTIÇA’ vai conceder o ‘benefício’ para trabalharem a noite na prostituição e voltar no outro dia”. Ao pressupor isso, dialogando com Butler, o internauta utiliza o discurso que é estruturalmente naturalizado por uma parcela significativa da sociedade brasileira, a qual assume com frequência e de maneira generalizada que travestis e mulheres trans trabalham na prostituição e, por isso, são sujas, impuras, promíscuas. No entanto, essa não é uma verdade absoluta (RIBEIRO, 2018, p. 10).

Observe que há uma construção semântica que coloca numa mesma linha epistêmica piolho, travesti e prostituição, ou seja, produz-se um saber sobre um corpo, sobre uma vida, que não se conforma a certas concepções, normas e padrões. Esse corpo trans é o corpo abjeto, sujo, promíscuo, que não se conforma a um padrão heterossexual, não é reconhecido, legível como “normal”. Produz-se não só um discurso afrontoso, pois humilha as travestis, demonstrando desprezo, mas também insultante, já que atenta à dignidade delas.

(Des)construções de identidade de gênero na página do Facebook “Orgulho de ser Hétero”: sob uma abordagem crítica do discurso

O estudo analisou a página do Facebook “Orgulho de ser Hétero” por meio dos *posts* e dos comentários que os/as participantes compartilham

em rede a fim de verificar as possíveis regularidades temáticas, propósitos comunicativos, realizações lexicogramaticais e textuais específicas, ou seja, como os/as participantes avaliam, julgam, apreciam e iteram construções ideológicas naturalizadas e de hegemonias masculinas por meio das reações sociodiscursivas verbais.

Zem El-Dine (2018) inicia a análise tomando como ponto de partida o *post* que estampa a capa da página “Orgulho de ser Hétero” de 26 de agosto de 2016: uma imagem retangular que apresenta um ambiente fechado (talvez um quarto) sobressaindo cores escuras e metálicas, preto, branco e cinza. Na cena, há duas pessoas, um homem e uma mulher. O homem branco, em saliência, que aparece cortado do pescoço até a cintura, veste um terno, blusa social e gravata pretos e porta um relógio na mão esquerda de quem lê a imagem. Esta mão está abrindo o botão do terno. Na direção do braço esquerdo dobrado do homem, ao fundo, está uma mulher de cabelos longos loiros, magra e branca, de costas. Ela veste um vestido preto justo com decote nas costas. Os braços estão dobrados na altura da cintura. Ao lado esquerdo da mulher, como se estivesse pregado na parede, está o logotipo da página: o símbolo de marte na cor prata metalizada, dentro dele a letra H, em caixa alta no tom de vermelho também metalizado.

Para o pesquisador, a imagem da capa evidencia um jogo imagético entre três construções semióticas: *i*) o símbolo de marte, dentro dele a letra H, caixa alta em vermelho, usada para se referir à masculinidade, representando força, agressão e competição; *ii*) alinhando-se ao símbolo de marte, em segundo plano, a imagem da mulher; e *iii*) em saliência, primeiro plano, a imagem de um sujeito branco, aparentemente bem-sucedido, utilizando terno e relógio sofisticados, de marca, conferindo-lhe certo *status social*. O homem parece estar em movimento, pois há um vetor saindo da mão

esquerda em direção aos botões do paletó. Ele usa uma gravata semiaberta, sugerindo que, provavelmente, está se despindo. Esse homem é, metonimicamente, representado por certos atributos que o caracterizam como branco e bem-sucedido. Há um cenário moderno, metalizado, ao fundo, contrapondo-se à construção *cool* e viril da construção do símbolo de marte. No *plano fechado* do cenário proposto há uma figura feminina, em pose de modelo, de costas e de cabelos loiros, branca, magra, utilizando um vestido preto e com uma grande fenda nas costas; esses atributos criam uma cena iterada de uma mulher sensualizada e sexualizada, formando um corpo objetificado sexualmente. Segundo Zem El-Dine (2018):

Essa capa gerou várias reações sociodiscursivas: 48 usuários “compartilharam” a foto de capa da página “*Orgulho de ser Hétero*” e 35 usuários fizeram “comentários”. Ao todo, a foto de capa obteve um total de 501 reações. Os usuários utilizaram a ferramenta “emojis” para expressarem suas reações: 297 usuários reagiram marcando a opção “curtir”; 131 reagiram usando o símbolo da bandeira do movimento LGBT; 38 usuários usaram o coração, atribuído ao sentido de “amei”; 21 usuários, com a expressão onomatopéica “Gr”, de raiva; 9 usuários usaram “Haha”, de risos; 3 reagiram de maneira “triste”, e 2 usuários reagiram com “uau”, sugerindo satisfação, surpresa ou espanto (ZEM EL-DINE, 2018, p. 21).

Segundo o pesquisador, o primeiro comentário reativo acerca da capa é engajado, pois endossa, de forma positiva, a proposta da página, que é enaltecer a heteronormatividade, reforçando a ideia de que há apenas dois tipos de identidade de gênero: “ser homem e ser mulher”, como se fossem categorias ontológicas fixas, atributivas e hierárquicas:

- Reac: *Também tenho orgulho de ser hétero, homem deve ser homem e mulher deve ser mulher, e tenho dito.* (O comentário teve 20 curtidas, dentre elas: “amei”, “curti”, “bandeira LGBTQ”. Comentário de usuário da rede social pública Facebook; página “Orgulho de ser Hétero”, 26 de agosto de 2016.)

Ao endossar a ideia de heteronormatividade compulsória, implicitamente Interact1 julga moralmente as outras ontologias que não se adequam à matriz regulatória de gênero, isto é, condena por meio da construção deôntica modalizada “deve ser” iterada pela expressão de ordenamento “tenho dito”. O uso do item lexical “também” cria o alinhamento solidário e cúmplice com o produtor da página e os/as seus/suas seguidores/as.

Um dos resultados alcançados pelo pesquisador é que nessa amostra discursiva específica, que trata de questões vinculadas às identidades de gênero, há uma recorrência de reações sociodiscursivas verbais de condenação, crítica e engajamento. Os/as seguidores/as julgam moralmente a existência de outras ontologias, insultando, afrontando e deslegitimando não só a comunidade LGBTQ, mas também os/as interacts que os/as apoiam e os/as reconhecem, como as mulheres feministas. As críticas relacionam-se às atitudes, à capacidade e à tenacidade tanto da comunidade LGBTQ como das mulheres feministas. De maneira contrária, os/as seguidores/as da página engajam-se positivamente com os valores não só expressos explicitamente (hétero, de direita, conservador, carnívoro, antimimimi, pró-vida, a favor de porte de armas), mas também presumidos, homens viris, agressivos, fortes. Como se observa no próximo exemplo:

- Reac: *Sou mulher não sou feminista e não gosto de Mimimi e a favor do Bolsonaro sempre e daqui a pouco que venha o Mimimi das feministas mimisentas kkkkkkkkkk*

(O comentário foi printado no dia 27 de julho de 2018 às 12:29 e teve 517 curtidas, dentre elas: “curti”, “risada” e “amei”.)

Interact1F se autoidentifica como não feminista, e, ao fazer isso, engaja-se de maneira positiva com os valores difundidos pela página, mas, ao mesmo tempo, critica e condena (não sou feminista e não gosto) mulheres feministas, ironizando a atitude delas ao caracterizá-las, bem como seus discursos e suas pautas, respectivamente como “mimisentas” e “mimimi”.

Considerações finais

Este capítulo faz parte de um projeto que tem objetivos mais amplos: propor não só categorias analíticas para as reações sociodiscursivas verbais, mas também para as não verbais, com base nos usos e nos funcionamentos de *emojis*. Trata-se de uma proposta de pesquisa de dimensões maiores, já que pretendo articular vários campos do conhecimento, que tem suas premissas, fundamentos e metodologias específicas, mas à luz de uma ontologia realista-crítica.

Neste texto pretendi apresentar quais as articulações possíveis para que possamos compreender discursivamente, à luz de uma ontologia realista-crítica, como analisar os comentários reativos, principalmente aqueles atravessados por uma virtude discursiva, nas interações mediadas pelo computador. Embora, como foi dito, tenha uma clara ênfase, a princípio, na identificação e na descrição das categorias, isso não implica

que nas análises haverá essa rigidez, uma vez que, como foi observado, as reações ocorrem simultaneamente, de maneira muitas vezes complementar, alinhada ou contraposta.

As categorias parecem-me úteis, uma vez que tornam explícitas as ações discursivas e as não discursivas de agentes. E principalmente nos fazem perceber a questão da dimensão moral produzida discursivamente no interior das redes de práticas sociais, compreendendo aqui discurso como um dos momentos constituintes das práticas sociais juntamente com relações sociais, fenômenos mentais e atividades materiais, ou seja, será a partir da articulação desses momentos, em uma conjuntura histórica dada, que agentes (em relação dialética com as estruturas sociais) produzirão discursos desejáveis, aceitáveis e legítimos moral e eticamente. Como já afirmava Fairclough (2001, p. 100): “Ao produzirem seu mundo, as práticas dos membros são moldadas, de forma inconsciente, por estruturas sociais, relações de poder e pela natureza da prática social em que estão envolvidos, cujos marcos delimitadores vão sempre além da produção de sentidos”. Assim, as práticas são investidas política, ideológica e moralmente, e são os sujeitos nelas posicionados que aceitarão, ou não, como desejáveis, morais e adequadas determinadas construções discursivas acerca dos mais variados temas.

Referências

BUENO, T. *Para que servem os comentários de leitores na internet?* Tese (Doutoramento em Comunicação Social). Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2015.

BUENO, T. *et al.* Comentários de leitores na internet: um olhar sobre a opinião do internauta. *Revista Comunicando*, v. 5, n. 2, p. 88-103, 2016.

BUTLER, J. *Relatar a si mesmo: crítica da violência ética*. Trad. Rogério Bettoni. 1. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015.

CHOULIARAKI, L.; FAIRCLOUGH, N. Discourse in late modernity. *Rethinking Critical Discourse Analysis*. Edinburgh: Edinburgh University Press, 1999.

CUNHA, D. Reflexões sobre o ponto de vista e a construção discursiva de comentários de leitores na web. *Revista Investigações*, v. 41, n. 2, p. 21-41, 2012.

DAHLBERG, L. Computer-mediated communication and the public sphere: a critical analysis. *Journal of Computer-Mediated Communication*, 2001. Disponível em: <https://doi.org/10.1111/j.1083-6101.2001.tb00137.x>.

DOMINGO, D. Interactivity in the daily routines of online newsrooms: dealing with an uncomfortable myth. *Journal of Computer-Mediated Communication*, v. 13, p. 680-704, 2008.

EGGINS, S.; SLADE, D. *Analysing casual conversation*. Londres: Cassell, 1997.

FAIRCLOUGH, N. *Discurso e mudança social*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2001.

FAIRCLOUGH, N. *Analysing discourse: textual analysis for social research*. London; New York: Routledge, 2003.

FAIRCLOUGH, I.; FAIRCLOUGH, N. *Political discourse analysis: a method for advanced students*. London: Routledge, 2012.

FOUCAULT, M. *História da sexualidade III: o cuidado de si*. Rio de Janeiro: Graal, 1985.

GOMES, M. C. A. Violência, intolerância e corpo feminino: analisando as reações sociodiscursivas na mídia em torno da prática da amamentação. *Cadernos de Linguagem e Sociedade*, v. 19, n. 2, p. 175-194, 2017.

HALLIDAY, M. A. K. *An introduction to functional grammar*. London: Edward Arnold, 1994.

HALLIDAY, M. A. K.; MATTHIESSEN, C. *An introduction to functional grammar*. London: Edward Arnold, 2004.

HARVEY, D. *Condição pós-moderna: uma pesquisa sobre a origem da mudança cultural*. São Paulo: Edições Loyola, 1992[1989].

MARCUSCHI, L. A.; XAVIER, A. C. *Hipertexto e gêneros digitais*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004.

MARTIN, J. R.; WHITE, P. R. R. *Language of evaluation: appraisal in English*. [s.l.] Palgrave Macmillan, 2005.

MARTIN, J. R.; ROSE, D. *Genre relations: mapping culture*. London: Equinox Publishing, 2009.

NOGUEIRA, E.; ARÃO, L. Facebook como espaço de ação virtual: uma análise sobre as reações discursivas na *fanpage* de um movimento ambiental. *Revista Caleidoscópio*, v. 13, n. 3, p. 353-362, 2015.

PAIVA, A. P. *A interatividade no jornalismo on-line para o conteúdo das notícias: o perfil interativo dos jornais de língua portuguesa Folha de S. Paulo (Brasil) e Público (Portugal)*. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10362/10126>. Acesso em: 13 mai. 2016.

PALACIOS, M. Dossiê: Marginália, “Zeitgeist” e memória do tempo presente – os comentários de leitores no ciberjornalismo. *Revista Brazilian Journalism Research*, v. 8, n. 1, p. 133-148, 2012.

PAVEAU, M. A. *Linguagem e moral: uma ética das virtudes discursivas*. Campinas: Editora Unicamp, 2015.

RAMALHO, V.; RESENDE, V. M. *Análise de discurso (para a) crítica: o texto como material de pesquisa*. Campinas: Pontes Editores, 2011.

RECUERO, R.; SOARES, P. Violência simbólica e redes sociais no Facebook: o caso da *fanpage* “Diva Depressão”. *Galaxia* (São Paulo, *on-line*), n. 26, p. 239-254, 2013.

RECUERO, R. Atos de ameaça à face e à conversação em redes sociais na internet. v. 1. In: PRIMO, A. (Org.). *Interações em rede*. Porto Alegre: Sulina, 2013. p. 51-70.

RECUERO, R. Curtir, compartilhar, comentar: trabalho de face, conversação e redes sociais no Facebook. *Revista Verso e Reverso (On-line)*, v. 28, n. 68, 2014b.

RECUERO, R. *Redes sociais na internet*. Porto Alegre: Sulina, 2014a.

REICH, Z. User comments and the transformation of participatory space. In: SINGER, J. B. *et al. Participatory Journalism in Online newspapers: Guarding the Internet’s Open Gates*. New York: Routledge, 2011.

RESENDE, V. M. *Análise de discurso crítica e realismo crítico: implicações interdisciplinares*. Campinas: Pontes Editores, 2009.

RIBEIRO, S. S. *Gênero, cárcere e violência: analisando as reações socio-discursivas na mídia em torno dos corpos-identidades transexuais e travestis*. Disponível em: <https://www.even3.com.br/Anais/ALEDBrasil/89643>. Acesso em: 22 nov. 2018.

STRANDBERG, K.; BERG, J. Comentários dos leitores dos jornais *on-line*: conversa democrática ou discursos de opereta virtuais? *Comunicação e Sociedade*, v. 23, p. 110-131, 2013.

TADEU, J. R. G. B. *Participação política e os comentários dos leitores no jornalismo on-line português*: significado e importância política dos comentários dos leitores nos *websites* dos sete jornais generalistas portugueses e as estratégias para a sua gestão. Dissertação (Mestrado em Ciências da Comunicação). FCSH. Universidade Nova de Lisboa, 2012.

THOMPSON, J. *A mídia e a modernidade*: uma teoria social da mídia. Petrópolis: Vozes, 1998.

VAN LEEUWEN, T. *Introducing social semiotics*. New York: Routledge, 2005.

WHITE, P. Valoração – linguagem da avaliação e da perspectiva. *Linguagem em (Dis)curso – LemD*, Tubarão, v. 4, n. esp, p. 178-205, 2004.

WRIGHT, S.; STREET, J. Democracy, deliberation and design: the case of on-line discussion forums. *New Media & Society*, v. 9, n. 5, p. 849-870, 2007.



Sobre as organizadoras

Carolina Lopes Araújo

Doutora em Desenvolvimento Sustentável pela Universidade de Brasília. Mestre em Gestão pela HEC-Montreal (Canadá). Bacharel em Administração pela Universidade Federal de Minas Gerais. Professora adjunta da Universidade de Brasília, Faculdade UnB Planaltina. Desenvolve estudos nas áreas de desenvolvimento e sustentabilidade, participação social e colaboração, gestão e educação e análise discursiva.

E-mail: carolinalopesaraujo@gmail.com

Jacqueline Fiuza da Silva Regis

Doutora em Linguística pela UnB e *Doctor philosophiae* (Dr. phil.) pela Universidade Friedrich Schiller, Alemanha. Professora vinculada ao Núcleo de Estudos de Linguagem e Sociedade da Universidade de Brasília. Mãe da Ayumi (2009), da Inaê (2011) e da Nina (2017). Articula pesquisa e docência em questões afetas à decolonialidade, ao antirracismo, à análise de discurso crítica, a direitos sexuais e reprodutivos e à produção textual.

E-mail: fuzaregis@yahoo.de

Viviane de Melo Resende

Doutora em Linguística pela UnB, professora associada da mesma universidade. Pesquisadora do CNPq, coordenadora do Núcleo de Estudos de Linguagem e Sociedade (NELiS) e do Laboratório de Estudos Críticos do Discurso (LabEC). Realizou estudos pós-doutorais na Universidade Federal de Minas Gerais e na Universidade Pompeu Fabra. Desenvolve pesquisas em estudos críticos do discurso, decolonialidade, interseccionalidade, com foco na situação de rua.

E-mail: resende.v.melo@gmail.com

Sobre as/os autoras/es

Débora de Carvalho Figueiredo

Bacharel em Direito e mestre e doutora em Linguística Aplicada e Análise do Discurso, professora no Departamento de Línguas Estrangeiras e no Programa de Pós-Graduação em Inglês/Estudos Linguísticos e Literários na Universidade Federal de Santa Catarina. Seu foco de interesse são as relações entre discurso, gênero e poder, sobretudo no discurso jurídico.

E-mail: deborafigueiredo@terra.com.br

Gersiney Santos

Doutor e mestre em Linguística pela Universidade de Brasília, atua na área de Língua Portuguesa, Produção de Texto e Linguística, com ênfase em Análise de Discurso Crítica e Método Sincrônico-Diacrônico de Análise Linguística de Textos. Professor vinculado ao Núcleo de Estudos de Linguagem e Sociedade da UnB.

E-mail: gersiney@gmail.com

Gina Vieira Ponte de Albuquerque

Professora da Secretaria de Educação do Distrito Federal. Especialista em Educação a Distância, Desenvolvimento Humano, Educação e Inclusão Escolar e Letramentos e Práticas Interdisciplinares nos Anos Finais. Cursa mestrado em Linguística na UnB.

E-mail: ginavieiraponte@gmail.com

Juliana de Freitas Dias

Doutora em Linguística e docente na Universidade de Brasília desde 2009. É fundadora e atual coordenadora do grupo de pesquisa Educação Crítica e Autoria Criativa (Gecria).

E-mail: ju.freitas.d@gmail.com

Lola Aronovich

Mestra e doutora em Literatura em Língua Inglesa pela Universidade Federal de Santa Catarina, professora associada do Departamento de Estudos da Língua Inglesa, suas Literaturas e Tradução da Universidade Federal do Ceará, autora do *blog* Escreva Lola Escreva.

E-mail: lolaescreva@gmail.com

Mariana C. Marchese

Doutora pela Universidade de Buenos Aires, professora de Mídia e Ensino Superior em Letras na mesma universidade, pesquisadora assistente do Conselho Nacional de Pesquisas Científicas e Técnicas, chefe de Trabalhos Práticos na Faculdade de Filosofia e Letras da Universidade de Buenos Aires.

E-mail: marianacmarch@yahoo.es

Maria Carmen Aires Gomes

Professora do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Viçosa e colaboradora do Poslin-UFMG. Articula pesquisas em Análise de Discurso Crítica com estudos de gênero e corpo (Grupo Afecto).

E-mail: mcgomes@ufv.br

Virgínia Colares

Doutora em Linguística pela Universidade Federal de Pernambuco com pós-doutorado em Direito pela Universidade de Brasília. Professora permanente do Programa de Pós-Graduação em Direito da Universidade Católica de Pernambuco.

E-mail: virginia.colares@pq.cnpq.br

Os estudos críticos do discurso têm sido amplamente aprofundados nas incursões que pesquisadoras latino-americanas têm feito nesse campo. A Associação Latino-Americana de Estudos do Discurso e a Rede Latino-Americana de Análise de Discurso Crítica e Pobreza são exemplos do muito que foi feito na América Latina na direção da ampliação do escopo da análise de discurso crítica e no refinamento de abordagens teóricas e metodológicas associadas a essa interdisciplina. A ALED é uma associação acadêmica com 25 anos de tradição que congrega estudos do discurso de diversas tendências. Para a sétima edição do colóquio da ALED no Brasil, definiu-se a temática “Discurso, política e direitos: por uma análise de discurso comprometida”, com o objetivo de trazer ao centro da discussão no âmbito da ALED-Brasil as relações de discurso-sociedade em termos de poder e abuso de poder. Para atingir esse objetivo, a ALED-Brasil convidou especialistas de diferentes campos dos estudos do discurso que trabalham com as categorias centrais a este debate: classe, raça e gênero, e consideram ambientes discursivos variados, desde os espaços virtuais de interação até as políticas públicas, passando pelos campos midiático, jurídico e educacional. Esse encontro mostrou-se uma oportunidade produtiva para a discussão do necessário comprometimento de acadêmicas e acadêmicos envolvidos em estudos das relações de linguagem-sociedade em termos de discurso e poder. Este livro reúne algumas dessas conferências.

